

**CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO DAS PLANTAS DE CURA EM UMA
COMUNIDADE DO NORTE ALAGOANO, NORDESTE DO BRASIL**

Leomar da Silva de **LIMA**

Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Mestre em Botânica Aplicada - UNIMONTES e Doutorando em Botânica pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS.

Autor para correspondência: E-mail: leomscbot@gmail.com

Recebido: 01/04/2023 Aceito: 28/06/2023

RESUMO: Muitas pessoas buscam na medicina popular meios de sanar seus males através dos saberes das pessoas mais velhas que lhes indicam alguma planta para uso em seu tratamento. Esse conhecimento teve na oralidade uma de suas principais fontes de difusão, pois a linguagem é responsável pela transmissão desse conhecimento pelo espaço e tempo em que a memória se configura como elemento de grande importância aos povos e comunidades tradicionais. Assim, o objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento das plantas medicinais utilizadas pela população do povoado de Lages, município de Porto de Pedras – AL, nordeste brasileiro. A partir da aplicação de questionários semiestruturados foram coletados dados sobre a utilização de plantas medicinais. No total foram realizadas 105 entrevistas: cinco com especialistas locais e 100 com participantes da população. Essas especialistas possuem entre 55 e 86 anos de idade e citaram 84 plantas. Na população foram realizadas 87 entrevistas com mulheres e 13 entrevistas com homens, que citaram 105 plantas. Essas plantas tanto são conhecidas pelos especialistas locais quanto pela população, sendo a mãe e a avó as principais responsáveis pelo processo de transmissão cultural do conhecimento sobre plantas medicinais no local, havendo ainda um consenso de uso entre várias delas.

Palavras-chave: Conhecimento local; Plantas medicinais; Memória biocultural.

**ETHNOBOTANICAL KNOWLEDGE OF HEALING PLANTS IN A COMMUNITY IN
NORTHERN ALAGOAS, NORTHEAST BRAZIL**

Abstract: Many people tend to seek in popular medicine the means of curing their illnesses through the knowledge of older people who always indicate some kind of medicinal plant. This knowledge had in orality one of its main sources of diffusion, since language is responsible for the transmission of this knowledge through space and time, in which memory is configured as an element of great importance to traditional peoples and communities. Thus, this work aimed to carry out a survey of medicinal plants used by the population of the village of Lages, municipality of Porto de Pedras in Alagoas, northeastern Brazil. Data were collected from the application of semi-structured interviews carried out with 105 residents, of which five were specialists. The specialists mentioned 84 plants, while the other interviewees (87 women and 13 men) mentioned 105 plants. The species of medicinal plants are known both by specialists and by the general population, with mothers and grandmothers being the main responsible for the

process of cultural transmission of knowledge about medicinal plants. There is even a cultural consensus about the use for different species.

Keywords: Local knowledge; Medicinal plants; Biocultural memory.

CONOCIMIENTO ETNOBOTÁNICO DE PLANTAS SANADORAS EN UNA COMUNIDAD DEL NORTE DE ALAGOAS, NORESTE DE BRASIL

Resumen: Muchas personas buscan en la medicina popular formas de remediar sus dolencias a través del conocimiento de personas mayores que les indican alguna planta para su tratamiento. Este saber tuvo en la oralidad una de sus principales fuentes de difusión, ya que el lenguaje es el responsable de la transmisión de este saber a través del espacio y tiempo en el que la memoria se configura como un elemento de gran importancia para los pueblos y comunidades tradicionales. Así, el objetivo de este trabajo fue realizar una investigación de las plantas medicinales utilizadas por la población de la aldea de Lages, municipio de Porto de Pedras - AL, noreste de Brasil. Los datos sobre el uso de plantas medicinales se recolectaron a partir de cuestionarios semiestructurados. En total se realizaron 105 entrevistas: cinco a especialistas locales y 100 a la población. Estos expertos tienen entre 55 y 86 años y citaron 84 plantas. En la población se realizaron 87 entrevistas a mujeres y 13 entrevistas a hombres, quienes citaron 105 plantas. Estas plantas son conocidas tanto por los especialistas locales como por la población, siendo la madre y la abuela las principales responsables del proceso de transmisión cultural del conocimiento sobre las plantas medicinales de la zona, con consenso de uso entre varias de ellas.

Palabras clave: Conocimiento local; Plantas medicinales; Memoria biocultural.

INTRODUÇÃO

A utilização de plantas para fins medicinais no tratamento, cura e prevenção de doenças é reconhecida como uma das mais antigas práticas da medicina humana (Merlin, 2003). A origem do conhecimento sobre as propriedades das plantas é confundida com a própria história, na qual, certamente, o seu surgimento ocorreu na tentativa de suprir suas diversas necessidades (Almeida, 2000). Esse vasto conhecimento sobre o poder de cura das plantas teve na oralidade uma de suas principais fontes de difusão, onde, através da linguagem ocorre o processo de transmissão desse conhecimento pelo espaço e tempo em que a memória se configura como elemento de grande importância aos povos e comunidades tradicionais (Toledo e Barrera-Bassols, 2009). Contudo, há a preocupação a respeito das transformações desse conhecimento, ocorrendo devido a importação e imposição de novos hábitos culturais, gerando um iminente risco da modificação e/ou perda dessa memória biocultural (Almeida, 2000).

No Brasil, é notória a ampla utilização de plantas medicinais em várias regiões do país, tornando-se assim uma prática tradicional para a cura de determinadas enfermidades (Dantas et al., 2019). Vários podem ser os motivos pelos quais as pessoas são levadas ao uso de espécies botânicas para fins terapêuticos, como aqueles de ordem médica, social, cultural e econômica (Aguilar e Barros, 2012). Assim, muitas pessoas buscam na medicina popular meios de sanar seus males através dos saberes das pessoas mais velhas que lhes indicam o uso de alguma planta para seu tratamento. Essas pessoas tanto podem ser da própria família, quanto amigas, vizinhas/os ou outras relações. Contrário a uma lógica fármaco-industrial de apropriação neoliberalista dos recursos naturais que objetiva, principalmente, a cura individual das enfermidades, as relações sociais que ocorrem nas comunidades tradicionais se aproximam do amplo conceito de saúde dado pela Organização Mundial de Saúde - OMS. Nesses contextos, o processo fitoterápico também implica a vivência das relações sociais e as redes de acolhimento que são reforçadas a partir das sociabilidades locais.

A Etnobotânica é a área de estudo que busca conhecer e registrar o saber botânico tradicional relacionado ao uso de recursos florísticos (Marinho et al., 2011). Uma vez realizados, esses estudos são capazes de contribuir com o compartilhamento e conservação dos saberes tradicionais e culturais, uma vez que, muitas plantas medicinais apresentam um importante significado biocultural em determinadas populações locais (Dantas e Torres, 2019). Além disso, os conhecimentos ecológicos e botânicos tradicionais e locais propiciam a manutenção dos ecossistemas (Diegues, 2000). Embora seja importante a incorporação de análises ecológicas, estatísticas e/ou outros aspectos tecno-científicas, as chamadas 'Etnociências' (dentre elas a Etnobotânica) não devem perder de vista o seu horizonte epistemológico fundado na problematização das relações assimétricas de poder existentes entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos tradicionais. É do seu escopo buscar vias de diálogo que estejam destituídas da hierarquização entre os conhecimentos (Toledo, 1992).

A etnografia, como método de análise qualitativa, a partir do monitoramento e da documentação, traz uma visão abrangente de como os grupos humanos conduzem suas vidas, avaliando a previsibilidade e percepções do comportamento na rotina dos grupos estudados, sendo que esses trabalhos não seguem padrões pré-determinados, mas depende do senso desenvolvido a partir do trabalho de campo pela/o etnógrafa/o (Mattos, 2011, p. 50 *et seq.*). Ainda de acordo com a autora, a etnografia se configura como a escrita do visível, na qual a descrição depende da qualidade da observação, da sensibilidade para com a outra pessoa e do conhecimento a respeito do contexto

investigado. Onde:

“Os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formulados ou recriados para atender à realidade do trabalho de campo. Assim, na maioria das vezes, o processo de pesquisa etnográfica será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador” (Mattos, 2001, p.50).

Assim, a partir de uma perspectiva etnográfica, o objetivo deste trabalho foi registrar e analisar o conhecimento etnobotânico a respeito das plantas utilizadas em processos de cura no povoado de Lages, município de Porto de Pedras, estado de Alagoas, Nordeste brasileiro.

METODOLOGIA

Área de estudo

O município de Porto de Pedras (09° 09' 30" S e 35° 17' 42" W), microrregião do Litoral Norte do estado de Alagoas, possui clima do tipo Ams', com chuvas abundantes e temperatura mínima em torno de 18°C no inverno e um pequeno período de seca no verão (Barros, 2012). O território municipal possui uma área de 257,396 km² e sua população, de acordo com o censo de 2010, era de 8.429 habitantes com uma estimativa, para o ano de 2021, em média de 7.618 pessoas. O município apresenta um dos piores Índice de Desenvolvimento Humano de Alagoas (IDH = 0,541), ocupando o 69º lugar no Estado (Geógrafos, 2020; IBGE, 2021). A economia local é voltada à monocultura do coco (*Cocos nucifera* L.), ao funcionalismo público, à agricultura familiar, à pesca e, mais recentemente, à exploração do turismo na Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais.

De acordo com Lima e Léo Neto (2019), o acesso à saúde médica da população é realizada através de quatro Unidades Básicas de Saúde, constituintes do Sistema Único de Saúde, localizadas no distrito de Tatuamunha, nos povoados de Lages e Curtume e na Fazenda Canavieiras, onde, de acordo com documento fornecido pela Secretaria de Saúde do município, há o atendimento de cerca de 350 pessoas por mês em diferentes especialidades. Contudo, Lima e Léo Neto (2019), ainda afirmam que:

“A falta e/ou a precarização no atendimento dessas unidades de saúde, que muitas vezes não satisfazem as pessoas que a

procuram, pode ser um fator que indique a importância das benzedoras e dos curandeiros nos processos de cura dessa população” (Lima e Léo Neto, 2019).

Em todo o município (povoados, sítios e demais localidades), há um processo comum de reconhecimento e pertencimento ao local ao qual ‘nasceram e se criaram’. Mesmo tendo clareza que a localidade pertence ao município de Porto de Pedras, apenas o centro administrativo será mencionado como tal. Assim, a população local se reconhece enquanto seu povoado. Isso ocorre, em razão da territorialidade funcionar como fator de identificação, defesa e força, em que as territorialidades específicas podem ser consideradas como resultantes de diferentes processos sociais de territorialização que delimitam dinamicamente terras de pertencimento coletivo que convergem para um território (Almeida, 2004). Desta forma, o processo histórico de ocupação desses espaços e formação dos povoados, implica, em todas as territorialidades encontradas no local, como a do povoado de Lages, formado a partir do deslocamento de partes das famílias que residiam na vila de pescadores na Praia do Patacho.

Comunidade estudada

Às margens da rodovia AL- 101- Norte, o povoado de Lages (zona rural), se encontra entre o manguezal e o Oceano Atlântico e dista aproximadamente cinco quilômetros do centro administrativo do município. As principais fontes de renda são a prestação de serviços públicos, a agricultura familiar, a pesca, turismo e serviços autônomos. No ano de 2015 a população de Lages era de 1.597 habitantes, distribuídos em 441 famílias com registro na Unidade Básica de Saúde do povoado (Data-SUS, 2015). Contudo, de acordo com a atualização dos dados municipais, a população de Lages, no ano de 2020, estava em torno de 1.606 pessoas, distribuídas em 575 domicílios (E-SUS, 2020), evidenciando um crescimento na população local após o período de realização deste trabalho.

Nesta pesquisa, através do termo ‘Especialistas Locais’, considera-se todas as pessoas que detêm grande conhecimento sobre a cura através das plantas e que são procuradas/os pela população, sendo reconhecidas socialmente justamente por esse conhecimento. As demais pessoas entrevistadas foram designadas de ‘População’. Entretanto, essa divisão entre ‘Especialistas locais’ e ‘População’ não traz consigo a negação do conhecimento que todas essas pessoas, em suas especificidades, detêm sobre as plantas e seus usos.

Coleta dos dados

Foi realizado um trabalho de campo que segundo Haguette (2007, p. 68): “passou a incluir não somente a observação participante como a entrevista, a história de vida e, às vezes, todo o processo metodológico de um estudo empírico”. E, através da condução de roteiros em forma de questionários semiestruturados, combinando perguntas abertas e fechadas, que possibilita a pessoa participante discorrer a respeito do assunto proposto (Boni e Quaresma, 2005). Permitindo, assim, a coleta de informações de caráter socioeconômico (idade, sexo, religião, tempo de moradia no local etc.), dessas pessoas e o registro do conhecimento a respeito das plantas utilizadas na cura (espécies e partes utilizadas, local e forma de coleta, usos e males tratados), pela comunidade estudada.

A seleção da ‘População’ participante se deu de forma aleatória, onde para cada pessoa entrevistada em sua residência, a próxima foi excluída, seguindo-se adiante. Enquanto as ‘Especialistas Locais’ foram indicadas pela população. A pesquisa ocorreu após o parecer positivo do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas (CEP – UFAL) com nº CAEE: 55395016.8.0000.5013. Sendo realizada entre setembro e dezembro de 2016, através do contato estabelecido com os interlocutores e de forma voluntária, com a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Torna-se importante destacar que a inserção do autor na comunidade participante da pesquisa, além de proporcionar a aproximação, também resultou em relações de confiança que foram mais profícuas para o processo de pesquisa, além de abrir para a possibilidade de relações socialmente mais justas entre as instituições de pesquisa e as pessoas detentores dos conhecimentos tradicionais. A qual, a participação na pesquisa, nesse sentido, revela uma postura da Etnobiologia de se colocar ‘a serviço de’ e ‘estar junto com’ as comunidades tradicionais. Proporcionando, assim, uma relação além do ‘pesquisador’ interagindo com ‘pesquisadas/os’.

Identificação botânica e análise etnobotânica

A maioria das plantas indicadas pela comunidade foram de fácil acesso por estarem localizadas em quintais e/ou ao redor de suas casas (Figura 1). Sendo, os quintais, uma importante fonte de recursos vegetais como alimentos, lenha e plantas medicinais (Duque-Brasil et al., 2011). Contudo, para as plantas de difícil acesso foi necessário buscas guiadas pelos participantes e o auxílio de um mateiro (Albuquerque et al., 2010). Ao se encontrar a planta, foram anotados seu nome local, características

morfológicas, localização e data de coleta. Após esse processo, os materiais botânicos, tanto reprodutivos (flores e frutos) quanto vegetativos (caule e folhas), foram fotografados. As fotografias seguiram a proposta utilizada por Nunes (1998), em que os registros fotográficos foram importantes para fornecer uma descrição detalhada dos fenômenos estudados através de uma interação entre texto e imagens. Para consulta do material botânico (lista das plantas, imagens das espécies, partes utilizadas, formas de uso e males tratados), ver Lima (2018).



FIGURA 1. Quintais com plantas ornamentais e medicinais no povoado de Lages. Da esquerda para a direita, na parte superior. A) Erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson), Limoeiro (*Citrus aurantiifolia* (Christm.) Swingle). B) Alcachofra (*Gymnanthemum amygdalinum* (Delile) Sch.Bip. ex Walp.). Da esquerda para a direita, na parte inferior. C) Bom dia e Boa noite (*Catharanthus roseus* (L.) Don). D) Carrapateira (*Ricinus communis* L.) e Bananeiras (*Musa* sp.).

Na identificação do material botânico foi utilizada bibliografia específica sobre plantas medicinais (Lorenzi e Matos, 2008), como também consultas ao site REFLORA. A nomenclatura científica das espécies se deu de acordo com o *Angiosperm Phylogeny Group* - APG IV, vale ressaltar que a nomenclatura local dessas plantas foi fundamental, uma vez que as populações tradicionais, ao conviverem com a biodiversidade, classificam o mundo a partir de suas próprias categorias e nomes em diferentes

contextos culturais como tabus, linguagens cerimoniais e mitos; assim, no saber local há conhecimentos taxonômicos bem detalhados (Diegues, 2004; Toledo e Barrera-Bassols, 2009; Mourão e Barbosa Filho, 2018). Permanecendo, assim, em destaque neste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Das 105 entrevistas realizadas, cinco contemplaram especialistas locais e 100 a população. Das cinco especialistas locais, as mulheres foram a maioria (n = 4). Essas especialistas possuem entre 55 e 86 anos de idade. Com exceção de uma participante que informou morar no povoado a partir dos seus 13 anos de idade, as demais residem no local desde o nascimento. Todos de religião católica, essas pessoas especialistas aprenderam, em sua maioria, com membros da família (Figura 2).

Sendo filho de um grande curador da época, J.F.F. (75 anos), aprendeu com seu pai a utilização das plantas, contudo ele não foi iniciado para suceder seu pai enquanto curador local, sobre o assunto, ele indagou:

“Eu não aprendi a curar com meu pai porque ele já tava doente! mas eu não tinha tempo pra muita coisa, quando chegava em casa era uma coisa e outra. Quando eu tava em casa de noite ele dizia: rapaz, eu tô pra morrer, rapaz! quero ensinar coisa boa a tu, uma cura boa a tu, que quando eu morrer tu fica aí alguma coisa!” (J.F.F., 75 anos).

Dentro da população (não especialista), foram realizadas 87 entrevistas com mulheres, que possuem entre 21 a 83 anos, e 13 entrevistas com homens com idade entre 25 e 52 anos, que habitam o povoado em um período de tempo que vai desde cinco até mais de 65 anos.

Ao serem perguntados sobre a primeira medida a ser tomada quando há problemas de saúde, 84% da população respondeu que utilizam plantas medicinais, porém todos afirmaram conhecer e fazer o uso de alguma espécie vegetal para fins terapêuticos, indicando entre duas e 30 plantas, nas quais as pessoas com idade entre 41 e 60 anos são responsáveis pelo maior número de plantas citadas (entre uma e mais de 20 plantas). Sendo a mãe, apontada pela maioria (70%), como responsável por lhes ensinarem o uso das plantas.

Nas comunidades tradicionais e locais a forma de transmissão do conhecimento a respeito do uso da flora ocorre, principalmente, entre os membros do núcleo familiar,

em especial a figura da mãe é a mais importante nesse processo, contudo outras figuras como a avó/avô e o pai também são importantes na transmissão desse conhecimento (Eyssartier et al., 2008; Baldauf et al., 2009; Aguiar e Barros, 2012). Onde, o diálogo direto é a forma de produção e compartilhamento do saber tradicional entre os indivíduos em direção ao passado e ao futuro, sendo seu resultado um processo histórico de acumulação e transmissão de conhecimentos e experimentações que se incrementa desde a base de quem aprende até a da comunidade cultural, o conhecimento se aperfeiçoa e se adapta de geração a geração (Toledo & Barrera-Bassols, 2009). Além disso, diversos estudos apontaram uma relação positiva referente ao número de recursos conhecidos e a idade daqueles que os conhecem, assim, assume-se que as pessoas mais velhas apresentam mais conhecimentos que os jovens (Torres-Avilez et al., 2014). Sendo, assim, as referências na busca por indicações de plantas medicinais.

Plantas utilizadas na cura

As Especialistas, no total, citaram 84 plantas (média de plantas por pessoa = 16,8), permitindo-se identificar posteriormente 75 espécies distribuídas em 38 famílias botânicas. No total foram citadas, pela População, cerca de 105 plantas (média de planta por pessoa = 1,05), correspondendo a 103 espécies distribuídas em 50 famílias botânicas. Percebe-se, portanto, a grande similaridade entre as classificações utilizadas (uma pela Taxonomia Botânica e a outra pelo Povoado de Lages) e mesmo o número de espécies citadas pela População ser maior que as citadas pelos Especialistas, podemos observar um maior quantitativo de plantas citadas por esse grupo.

Di Stasi (2007) pondera que mesmo havendo na sociedade o reconhecimento de especialistas (grandes conhecedoras/es das plantas medicinais), a medicina popular não é típica ou específica de um único grupo, todas as pessoas, bem provavelmente, conhecem alguma espécie vegetal que seja utilizada para aliviar algum sintoma, prevenir ou tratar alguma doença.

Nesse sentido, relembramos Barth (2000) ao afirmar que o conhecimento se encontra heterogeneamente distribuído em uma mesma sociedade, sendo que as estruturas mais significativas podem estar em seus padrões de não-compartilhamento. Essa afirmação é importante quando reconhecemos que as relações entre comunidades tradicionais (e os seus conhecimentos tradicionais) e a comunidade acadêmica (entendendo-se aqui a ciência ocidental eurocentrada), em muitas ocasiões, conduzem a representações generalizantes. Portanto, mesmo que residam em uma mesma

comunidade/local, seus habitantes possuem padrões de conhecimentos diferenciados entre si e, muitas vezes, a informação mais importante não está necessariamente distribuída entre todas as pessoas, mas somente em especialistas que atuam na manutenção dos seus segredos e tecnologias específicas.

Das 13 famílias botânicas mais representativas em números de espécies, Asteraceae lidera com 10 espécies, seguida por Lamiaceae e Fabaceae que apresentam nove e oito espécies respectivamente (Figura 2). As quais, evidências sugerem que em farmacopeias populares, a grande representação de famílias botânicas com princípios bioativos são indicadores que a escolha dessas plantas medicinais não ocorre ao acaso (Moerman e Estabrook, 2003).

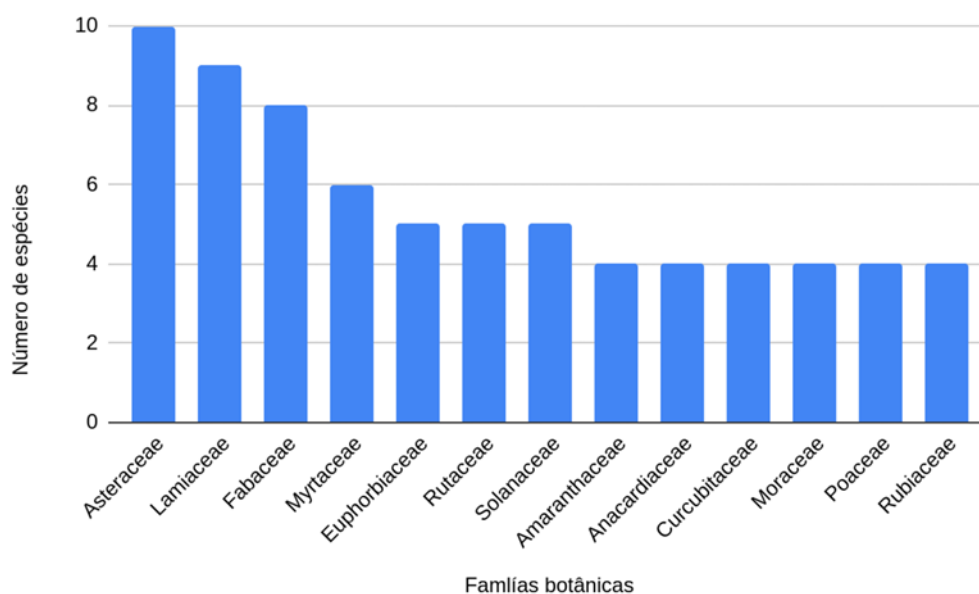


Figura 2. Famílias botânicas com maior representatividade em relação ao número de espécies citadas utilizadas como medicinais no povoado de Lages, Porto de Pedras - AL.

Foi possível observar, através da indicação local, que algumas espécies, são classificadas em etnoespécies diferentes, assim: *Anacardium occidentale* L.; *Catharanthus roseus* (L.) Don; *Citrus sinensis* (L.) Osbeck; *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson e *Turnera subulata* Sm., São localmente classificadas como: Cajueiro roxo x Cajueiro vermelho; Boa noite x Bom dia; Laranja lima x Laranja pera; Chambá x Erva cidreira e Agarrida x Chanana, respectivamente. No caso de *Anacardium occidentale* L.; *Catharanthus roseus* (L.) Don; *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson. e *Turnera subulata* Sm., essa diferença ocorre a partir de aspectos

morfológicos utilizados pela população para a distinção das mesmas (Figura 3). Já para *Citrus sinensis* (L.), a diferenciação ocorre por conta das inúmeras cultivares dessa espécie, que diferente da cultivar 'pera', a cultivar 'lima' possui frutos com textura firme, casca média à grossa e suco de baixa acidez (Lorenzi et al., 2006). Mourão e Barbosa Filho (2018) colocam que: “as taxonomias populares refletem não apenas as maneiras pelas quais os humanos observam componentes ambientais, mas também como eles percebem os sistemas naturais como um todo, refletindo a disponibilidade de animais e plantas no ambiente circundante”.

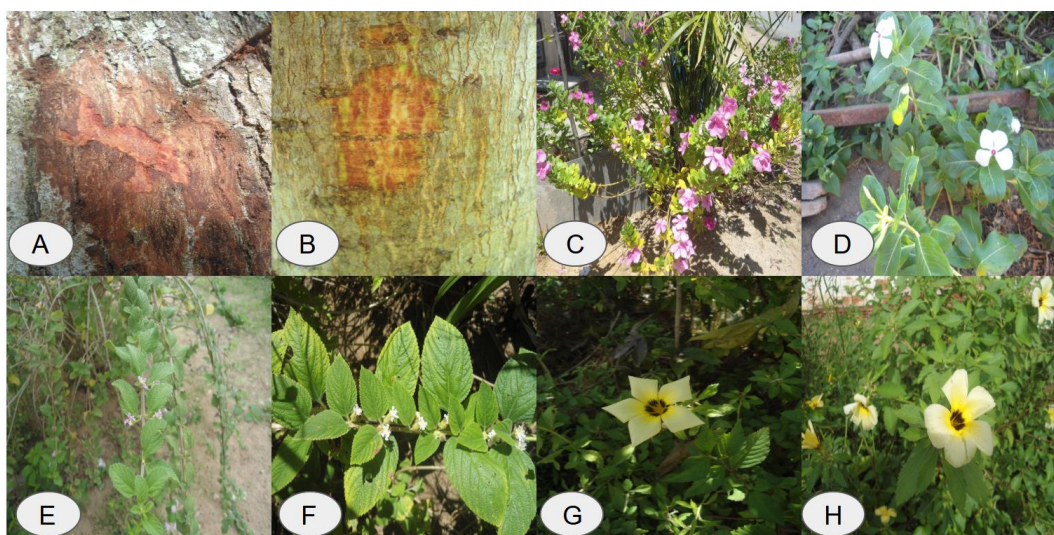


FIGURA 3. Aspectos morfológicos utilizados na distinção das espécies em etnoespécies. A) Cajueiro roxo; B) Cajueiro vermelho; C) Boa noite; D) Bom dia; E) Chambá; F) Cidreira; G) Agarrida; H) Chanana.

Em seu trabalho, Abreu et al. (2011) notaram que como critério na classificação local, em uma comunidade rural do nordeste brasileiro, predominaram aspectos morfológicos e utilitários das plantas. No povoado de Lages, também foi possível observar esse critério para a classificação. Vale ressaltar a colocação de Holman (2005):

“Em todas as culturas, portanto, as classificações populares de animais e plantas não têm propriedades visivelmente diferentes das classificações de outras coisas. O conjunto de outras coisas são, além disso, muito heterogêneas tanto nos domínios classificados quanto nas propriedades das classificações” (Holman, 2005: tradução própria).

É notório que dentro dessas etnoespécies ocorre tanto um consenso entre especialistas e população, quanto redundância sobre suas indicações terapêuticas (Quadro 1).

QUADRO 1. Identificação terapêutica das etnoespécies identificadas no povoado de Lages, Porto de Pedras - AL.

Plantas	Espécies	Indicações Especialistas	Indicações População
Cajueiro roxo	<i>Anacardium occidentale</i> L.	x	Inflamação
Cajueiro vermelho	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Inflamação	x
Boa noite	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don	x	Problemas menstruais
Bom dia	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don	x	Inflamações e Problemas na próstata
Chambá	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	Dores	Dor de barriga; Gripe; Tosse e Diarreia
Erva cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	Dor de barriga; Nervos e Pressão alta	Dor de barriga; Calmante; Pressão alta; Vermes; Diarreia e Inflamação
Agarrida	<i>Turnera subulata</i> Sm.	Inflamação	x
Chanana	<i>Turnera subulata</i> Sm.	Inflamação	Inflamação; Gripe; Infecção urinária; Problemas na coluna e nos rins
Laranja lima	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	x	Dor de barriga
Laranja pera	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	x	Dor de barriga; Tosse; Gripe; Catarro e Enxaqueca

Ações de manejo e conservação dessas espécies podem ajudar a manter um equilíbrio dentro dessa farmacopeia popular. Contudo, havendo algum recurso preferido localmente, é necessária uma maior atenção quando demandados (Nascimento et al., 2013).

Em levantamentos etnobotânicos é de costume categorizar a flora a partir de sua forma de uso, tendo como exemplos: alimentação, construção, medicinal, combustível, entre outros. Dentro da categoria 'medicinal', as plantas ainda são categorizadas a partir da perspectiva do pesquisador ao se analisar qual(is) males e/ou sintomas serão combatidos por determinada planta, sejam esses sintomas advindos de causas biológicas ou ainda se caracterizando em um contexto espiritual. As plantas utilizadas

no contexto espiritual, ora também denominadas 'ritualísticas', usualmente são categorizadas como plantas mágicas/religiosas em vários trabalhos (Silva e Andrade, 2005; Maiolli-Azevedo e Fonseca-Kruel, 2007; Oliveira e Trovão, 2009; Bitencourt et al., 2014; Silva et al., 2018).

Assim, no povoado de Lages: Jurema (*Vitex agnus-castus* L.); Manjeriço (*Ocimum basilicum* L.); Manjerioba (*Senna occidentalis* (L.) Link); Pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) e Vassourinha (*Scoparia dulcis* L.), todas com 1% entre as citações totais (Figura 5), foram indicadas pela população com uso em banhos contra o mau-olhado. Havendo, o registro da utilização das espécies: *Jatropha gossypifolia* L. (Pinhão roxo); *Ocimum basilicum* L. (Manjeriço); *Ricinus communis* L. (Carrapateira); *Schinus terebinthifolia* Raddi (Aroeira); *Scoparia dulcis* L. (Vassourinha); *Senna occidentalis* (L.) Link (Manjerioba) e *Vitex agnus-castus* L. (Jurema), por benzedeiros e curandeiros locais para a cura do mau-olhado, ventre caído e desfazer feitiços (Lima e Léo Neto, 2019).



FIGURA 5. Plantas citadas utilizadas contra o mau-olhado. A) Jurema. B) Manjeriço. C) Manjerioba. D) Pinhão roxo. E) Vassourinha.

Dentro da medicina popular a utilização das plantas mágico-religiosas está pautada sobre as características que as envolvem dentro dos diferentes sistemas de crenças ligados a essa medicina, o ser humano, para além de um ser biológico, também

é caracterizado por sua dimensão simbólica (Camargo, 2014). A autora ainda expõe que:

“Diferentes da racionalidade dos princípios cartesianos que regem a medicina hegemônica, estão as práticas médicas mágico-religiosas calcadas na espiritualidade, quando as plantas, investidas do imponderável valor sacral, na complementaridade de seu papel funcional, vem a propiciar aos doentes o sentir-se curados” (Camargo, 2014).

Torna-se então um equívoco relacionar a doença apenas com patologias e disfunções orgânicas, ignorando as relações entre as pessoas e entre estas e o mundo (Araújo, 2002, p. 95). Assim, as diferentes explicações que as sociedades dão para a doença não são limitadas à sua causa, mas à busca de um sentido que explique a enfermidade do corpo e as circunstâncias desta em seu contexto social (Farias, 2011, p. 86), incluindo a busca pela cura.

Abordagens etnoecológicas que indiquem estratégias de conservação da biodiversidade e dos conhecimentos tradicionais associados à mesma devem observar todas as circunstâncias locais. Os dados registrados e compartilhados anteriormente nos demonstram a necessidade da atenção sobre aquelas espécies que podem ter uma maior pressão de uso devido à sua exclusividade no uso para o trato de certas enfermidades. Contudo, também devemos atentar a ações que permitam salvaguardar os conhecimentos tradicionais, principalmente aqueles que pertencem às pessoas mais velhas da comunidade (reconhecidas como especialistas). Importa aqui destacar justamente essa pluralidade das referências culturais, uma vez que lidamos, neste trabalho, com aspectos relativos à memória biocultural e o que ela implica termos de conhecimentos associados às plantas com finalidades terapêuticas. Para além de enfermidades, reconhecemos, neste estudo, que os conhecimentos pertencentes às pessoas mais antigas do Povoado de Lages registram uma história não contada nos livros oficiais da cidade, do Estado de Alagoas e tampouco do Estado-Nação brasileiro.

Atuar na conservação da biodiversidade, nesse sentido, também implica garantir a sociabilidade das comunidades tradicionais, implicando aqui tanto programas de Educação Patrimonial (como aqueles dispostos através de inúmeras legislações brasileiras, a citar a Portaria 137/IPHAN, de 28 de abril de 2016), quanto mecanismos de geração de renda, tais como o turismo de base comunitária. O povoado de Lages, conforme observamos ao longo da pesquisa de campo, sofre um intenso processo de expropriação de seu território advindo da especulação imobiliária. A desagregação dos ecossistemas locais ocasionados pela construção de algumas pousadas e o intenso

fluxo turístico desordenado pode tanto impactar o ambiente, quanto comprometer as formas de socialização dos conhecimentos tradicionais associados às plantas.

De acordo com Barth (2002), há três faces ou aspectos do conhecimento que devem ser analiticamente distinguidos, ressaltando, contudo, que tais aspectos estão interconectados, como assegurado por Barth (2002, p.3):

“Primeiro, qualquer tradição do conhecimento contém um corpus de assertivas substanciais e ideias sobre aspectos do mundo. Segundo ele deve ser fundamentado e comunicado em um ou vários meios como uma série de representações parciais em forma de palavras, símbolos concretos, gestos e ações. E terceiro, ele deverá ser distribuído, comunicado, empregado e transmitido com uma série de relações sociais instituídas” (Barth, 2002, p.3: tradução própria).

Devemos perceber que o significado de tradição não é em si transmitido como parte de um modelo cultural para a interpretação da experiência (o que se aproxima de um modelo genealógico de transmissão do conhecimento). Os significados são suscitados a partir dos contextos interativos por meio das atividades de habitar a terra, daquele lugar, proporcionando ações recursivas que passam a constituir as pessoas como daqueles locais e vice-versa (Ingold e Kurttila, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do sistema médico popular do povoado de Lages, do município de Porto de Pedras - AL, há uma representativa farmacopeia local com um grande número de etnoespécies distribuídas em várias famílias botânicas. Essas plantas tanto são conhecidas pelos Especialistas Locais, quanto pela População, sendo a mãe a principal responsável pelo processo de transmissão cultural do conhecimento sobre plantas medicinais no local, onde ainda há um consenso de uso entre várias delas.

A utilização da flora no povoado de Lages é a garantia de recuperação de doenças e males que atingem as pessoas desta comunidade. Foi possível identificar que essa farmacopeia garante a cura de vários males das pessoas que as utilizam.

Sendo assim, é importante voltarmos a atenção aos processos geradores e mantenedores das mudanças ocorridas, tanto na paisagem e composição florística, quanto no conhecimento referente a utilização da flora em processos de cura. A diminuição, e conseqüente perda, dessa prática local, pode gerar o declínio desse

conhecimento e interrupção no processo que tange a formação, manutenção e continuidade da memória biocultural nessa comunidade.

REFERÊNCIAS

Abreu, D. B. O.; Oliveira-Filho, R. B.; Vasconcelos-Neto, C. F. A.; Lucena, C. M.; Felix, L. P.; Lucena, R. F. P. Classificação etnobotânica por uma comunidade rural em um brejo de altitude no nordeste do Brasil. *Revista de Biologia e Farmácia*, Volume 06, Número 01, 2011.

Aguiar, L. C. G. G.; Barros, R. F. M. Plantas medicinais cultivadas em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil). *Rev. Bras. Pl. Med.*, Botucatu, v.14, n.3, p.419-434, 2012.

Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P.; Alencar, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: Albuquerque, U. P.; Lucena, R.F.P.; Cunha, L.V.F.C (Orgs.). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. Recife, PE: NUPPEA, 2010, p. 39-64.

Almeida, A. W. B. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais. *R. B. Estudos Urbanos e Regionais*, v.6, n.1/ maio. DOI: <http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2004v6n1p9>. 2004.

Almeida, M. Z. *Plantas medicinais e ritualísticas*. Salvador: EDUFABA. 2000.

Araújo, M. A. M. *Das ervas medicinais à fitoterapia*. Ateliê Editorial, 2002.

Baldauf, C.; Kubo, R. R.; Silva, F.; Irgang, B. E. “Ferveu, queimou o ser da erva”: conhecimentos de especialistas locais sobre plantas medicinais na região Sul do Brasil. *Rev. Bras. Pl. Med.*, Botucatu, v.11, n.3, p.282-291, 2009.

Barros, A. H. C. *Climatologia do Estado de Alagoas*. Recife: Embrapa Solos, 2012.32 p.; il. - (Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento / Embrapa Solos, ISSN 1678-0892; 211). 2012.

Barth, F. A. Análise da cultura nas sociedades complexas. In: Barth, F. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000, p.107-140.

Barth, F. An anthropology of knowledge. *Current Anthropology*, Vol. 43, No. 1 (February 2002), pp. 1-18, 2002.

Bitencourt, B. L. G.; Lima, P. G. C.; Barros, F. B. Comércio e uso de plantas e animais de importância mágico-religiosa e medicinal no mercado público do Guamá, Belém do Pará. *Revista FSA, Teresina*, v. 11, n. 3, art. 5, p. 96-158, jul./set. <http://dx.doi.org/10.12819/2014.11.3.5>, 2014.

Boni, V.; Quaresma, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Vol. 2 no 1 (3), p. 68-80, 2005.

Camargo, M. T. L. A. As plantas medicinais e o sagrado, considerando seu papel na eficácia das terapias mágico-religiosas. *Revista Nures*, Ano X, Número 26, janeiro-abril de 2014.

Dantas, J. I. M.; Santos, M. T. L.; Torres, A. M. Conhecimento etnobotânico de plantas medicinais por comercializadores da feira livre municipal de Santana do Ipanema - AL. *DIVERSITAS JOURNAL*. Santana do Ipanema/AL. vol. 4, n. 3, p.742-748, set./dez., 2019.

Dantas, J. I. M.; Torres, A. M. Abordagem etnobotânica de plantas medicinais em uma comunidade rural do sertão alagoano. *DIVERSITAS JOURNAL*. Santana do Ipanema/AL. vol. 4, n. 1, p.39-48, jan./abr., 2019.

Diegues, A. C. O mito moderno da natureza intocada. 3a. ed. São Paulo : Hucitec Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP. 2000.

Diegues, A. C. Saberes tradicionais e etnoconservação. In: Diegues, A. C.; Virgílio M. V. (orgs). *Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica*. 2a. ed. São Paulo: HUCITEC : NUPAUB : CEC. 2004, p. 9-22.

Di Stasi, L. C. *Plantas medicinais verdades e mentiras: o que os usuários e os profissionais de saúde precisam saber*. São Paulo: UNESP. 2007.

Duque-Brasil, R.; Soldati, G. T.; Espírito-Santo, M. M.; Rezende, M. Q.; D'Ángelo-Neto, S.; Coelho, F. M. G. Composição, uso e conservação de espécies arbóreas em quintais de agricultores familiares na região da mata seca norte-mineira, Brasil. *Sitientibus série Ciências Biológicas*, 11(2): 287–297, 2011.

E-SUS (AB - ATENÇÃO BÁSICA). *Relatórios do Território*. Secretaria Municipal de Saúde de Porto de Pedras. 2020.

Eyssartier, C., Ladio, A.H.; Lozada, M. Cultural Transmission of Traditional Knowledge in two populations of North-western Patagonia. *J Ethnobiology Ethnomedicine*, 4, 25. <https://doi.org/10.1186/1746-4269-4-25>. 2008.

Farias, I. S. *Doenças, dramas e narrativas entre os índios Jeripankó no sertão de Alagoas*. Maceió: EDUFAL. 2011.

Geógrafos. *Coordenadas geográficas de Porto de Pedras, AL*. Disponível em: <https://www.geografos.com.br/cidades-alagoas/porto-de-pedras.php>. Acesso em: 15 de dez. 2021.

Haguette, T. M .F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 11a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2007.

Holman, E. W. Domain-Specific and General Properties of Folk Classifications. *Journal of Ethnobiology*, 25(1), 71-91. [https://doi.org/10.2993/0278-0771\(2005\)25\[71:DAGPOF\]2.0.CO;2](https://doi.org/10.2993/0278-0771(2005)25[71:DAGPOF]2.0.CO;2). 2005.

Ingold, T.; Kurttila, T. Perceiving the Environment in Finnish Lapland. *Body & Society*, Vol.6(3-4): 183-196. <https://doi.org/10.1177/1357034X00006003010>. 2000.

IBGE. Panorama municipal. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/porto-de-pedras/panorama>. Acesso em: 15 de dez. 2021.

Lima, L.S. As plantas de cura do povoado de Lages, Porto de Pedras, AL. 296 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió. 2018.

Lima, L. S.; Léo Neto, N. A. “Benzo com essa aqui”: conhecimento local de plantas utilizadas na benzeção em uma comunidade do município de Porto de Pedras-AL. Revista Mundaú, n. 7, p. 138-154. <https://doi.org/10.28998/rm.2019.n.7.8000>. 2019.

Lorenzi, H. Frutas brasileiras e exóticas cultivadas. SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora. 2006.

Lorenzi, H.; Matos, F.J.A. Plantas medicinais do Brasil: nativas e exóticas. 2. ed. SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora. 2008.

Maiolli-Azevedo, V.; Fonseca-Kruel, V. S. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. Acta Botanica Brasilica. 21(2): 263-275, 2007.

Marinho, M. G. V.; Silva, C. C.; Andrade, L. H. C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. Rev. Bras. Pl. Med., Botucatu, v.13, n.2, p.170-182, 2011.

Mattos, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: Mattos, C. L. G.; Castro, P. A., (orgs). Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB. 2011, p.50-54.

Merlin, M. D. Archaeological evidence for the tradition of psychoactive plant use In the old world. Econ Bot, 57 (3) pp. 295–323. [https://doi.org/10.1663/0013-0001\(2003\)057\[0295:AEFTTO\]2.0.CO;2](https://doi.org/10.1663/0013-0001(2003)057[0295:AEFTTO]2.0.CO;2). 2003.

Moerman, D. E.; Estabrook, G. F. Native Americans' choice of species for medicinal use is dependent on plant family: confirmation with meta-significance analysis. Journal of Ethnopharmacology, v. 87, pp.51–59. [https://doi.org/10.1016/S0378-8741\(03\)00105-3](https://doi.org/10.1016/S0378-8741(03)00105-3). 2003.

Mourão, J. S.; Barbosa Filho, M. L. V. Ethnotaxomy as a methodological tool for studies of the ichthyofauna and its conservation implications: a review. In: Alves, R. R. N.; Albuquerque, U. P. (orgs.). Ethnozology: animals in our lives. Academic Press is an imprint of Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-809913-1.00006-5>. 2018, p. 71-94.

Nascimento, A. L. B.; Ferreira Júnior, W. S.; Ramos, M. A.; Medeiros, P. M.; Soldati, G. T.; Santoro, F. R.; Albuquerque, U. P. Redundância utilitária: adaptação e funcionalidade de sistemas de conhecimento tradicional. In: Albuquerque, U. P. (org.). Etnobiologia: bases ecológicas e evolutivas. Recife, PE: NUPEEA. 2013, p. 86-91.

Nunes, A. G. A. Os argonautas do mangue: uma etnografia visual dos caranguejeiros do município de Vitória – ES. 207 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas. SP. 1998.

Oliveira, E. C. S.; Trovão, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. Revista Brasileira de Biociências, Porto Alegre, v.7, n. 3, p. 245-251, jul./set., 2009.

REFLORA. Disponível em: <http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/listaBrasil/ConsultaPublicaUC/ResultadoDaConsultaNovaConsulta.do#CondicaoTaxonCP>. Acesso em: 20 de dez. 2021.

Secretaria de Assistência à Saúde / DAB – DATASUS. Secretaria Municipal de Saúde. SIAB – Sistema de Informação de Atenção Básica. Consolidado das Famílias Cadastradas do Ano de 2014.

Silva, A. J. R.; Andrade, L. H. C. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral - Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. Acta Botanica Brasilica. 19(1): 45-60, 2005.

Silva, P. H.; Oliveira, Y. R.; Abreu, M. C. Entre símbolos, mistérios e a cura: plantas místicas dos quintais de uma comunidade rural piauiense. GAIA SCIENTIA, v. 12(1): 1-16, 2018.

Toledo, V. M. What is ethnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline. Etnoecológica, v. 1, n. 1, p. 5-20, 1992.

Toledo, V. M.; Barrera-Bassols, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 20, p. 31-45, jul./dez., 2009.

Torres-Avilez, W.; Nascimento, A. L. B.; Campos, L. Z. O.; Silva, F. S.; Albuquerque, U. P. Gênero e idade. In. Albuquerque, U. P. (org.). Introdução à etnobiologia. Recife, PE: NUPEEA. p.163 - 168, 2014.